

“DEAR COLLEAGUE”: PENSAMENTOS ACERCA DO LIVRO “ROMANTIC GEOGRAPHY: IN SEARCH OF THE SUBLIME LANDSCAPE” E OUTROS MAIS

Letícia Pádua¹

Prezado Tuan,

Há muito queria lhe escrever esta carta! Sei que já tarda um comentário às suas tão amplas e originais contribuições, às suas cartas² tão aguardadas... Espero que compreenda este pequeno atraso, pois a ocasião do anúncio de sua aposentadoria definitiva³ me deixou de tal modo consternada que senti uma espécie de entorpecimento intelecto-emocional! Sim, pode parecer um exagero, mas suas palavras de despedida são demasiado lúgubres e você já me faz companhia há tanto tempo, com tanta intensidade... Como despedir-se de alguém com quem anda de mãos dadas sem que essa pessoa saiba?

Mas esperamos que o afastamento das atividades acadêmicas traga as merecidas tranquilidade, serenidade e paz a este que passou

1 Professora da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). leticia.padua@ufvjm.edu.br.

✉ Rodovia MG 367, Km 583, 5000, Alto da Jacuba, Diamantina, MG. 39100-000.

2 Tuan publicou uma série de cartas denominadas “Dear Colleague” regularmente por algumas décadas. Estas cartas eram direcionadas a algum colega, à comunidade acadêmica, aos geógrafos, ou simplesmente coladas pelos corredores da universidade, e abordavam os mais diversos assuntos – política, atualidades, geografia, pensamentos livres, vida pessoal. Algumas delas foram compiladas no livro “Dear Colleague: common and uncommon observations”, publicado em 2002. Recentemente, foi disponibilizado on-line um arquivo em www.yifutuan.org com mais de 700 destas cartas.

3 A mais recente das cartas, “**Space, Place, and Nature: The farewell lecture**”. publicada em 04 de abril de 2014, é a sua carta de despedida, publicada a partir de uma conferência em que anunciou sua aposentadoria definitiva (http://www.yifutuan.org/dear_colleague.htm).

a vida a doar ideias, palavras, sabedoria e sensibilidade à nossa amada geografia.

Um temário tão vasto e, ao mesmo tempo, tão coerente na busca pela essência que nos define enquanto seres humanos, tornou você, Yi-Fu, um clássico atemporal e vanguardista. Sim! Estas características todas juntas podem estar em um homem só! E que privilégio tem a geografia por ser o seu ponto de partida...e quanta geografia está presente no seu ser, no seu habitar, no seu viver!

É Tuan, foi uma verdadeira aventura. Olhemos para trás para que possamos apreciar quantos caminhos foram percorridos, por você com vigor, quantas trilhas foram abertas para que outros percorram, pântanos atravessados com elegância a, sem sujar de lama os sapatos, florestas que podem sufocar e, ao mesmo tempo gentilmente deixam os raios de sol passarem pelas pequenas folhas formando desenhos de luz no chão, quantas cidades com toda a sua beleza, feiura, bondade e injustiça – quanta humanidade! E quanta genialidade!

Como bem observou Marandola Jr. (2013), Topofilia – de 1974 – seu primeiro livro dedicado à geografia humanista, após longos investimentos na pedologia, climatologia e hidrologia é, de fato, um clássico contemporâneo nos moldes de Calvino – é basilar, um marco e um arquétipo do nosso campo de estudo. Sim, eu compreendo que lhe incomoda a grandeza deste livro tender a obscurecer a sua obra. Sim, você só usou este conceito de Bachelard por três vezes em mais de meio século de carreira. Nós sabemos que sua obra é muito mais! Que o seu trabalho e a vastidão do seu livre-pensar tocaram em questões nunca antes pensadas pela geografia: o escapismo, a bondade, a criação de pets. Há ainda aquelas constantes, sempre presentes questões que

“Dear Colleague”: pensamentos acerca do livro “Romantic Geography: in search of the sublime landscape” e outros mais

ganharam vulto e sentido com seu olhar peculiar como o Lar, *Hearth*⁴, Mundo, o Lugar, o Poder, o *Self*⁵, a Linguagem.

E o que dizer da sensibilidade e precisão com que você trouxe para a geografia a valorização e o trabalho com a experiência, a percepção, as atitudes, os valores e os comportamentos. Uma geografia livre, sem as amarras da ciência moderna, voltada para a valorização do indivíduo e de suas potencialidades, que tem no humanismo o sustentáculo de uma educação para a liberdade!

E quem mais trabalhou com tanta assiduidade e propriedade com as crianças, a arte – as em especial a literatura – os jardins, a cultura, a religião em particular, as características, diferenças e relações entre China, Europa e Estados Unidos? Como são poucos os que conseguiram ver a cidade como você vê! Quanto fascínio, liberdade e empoderamento o cosmopolitismo das cidades globalizadas podem gerar ao indivíduo. Ao mesmo tempo, como é essencial o lar como lugar de todos nós!

Quem, sobretudo se preocupou, por toda a carreira em descortinar que é geografia e, que é a natureza humana, em busca do que temos em comum, e como podemos ser indivíduos. Poucos se preocuparam tanto com a liberdade de ser e como a geografia pode ser diferente se feita por homens livres. Poucos tomaram para si de modo tão profundo, o humanismo para a geografia.

4 *Hearth* é um termo usado para denominar as fogueiras dos tempos pré-históricos que representavam o local de reunião do núcleo familiar, lugar que oferecia segurança, calor humano, onde comiam e dividiam o sustento e a socialização. Muito mais relacionado à residência, atualmente, o termo é usado para designar lareiras que, não raro, em inglês, são usadas como sinônimos de lar (PÁDUA, 2013, p. 54).

5 O sentido de *self* é de difícil tradução para o português, seu significado demandaria uma frase explicativa – algo como “a verdadeira natureza do eu” – uma vez que não há termo que o substitua. Optamos então por manter a grafia em inglês *self* (PÁDUA, 2013, p. 100).

Isso, Tuan, valeria a confecção de muitas e muitas cartas! Quantas conversas, eu gostaria de ter tido! Quantas perguntas não foram feitas! Mas, ao mesmo tempo, não posso deixar de agradecer – não só por mim, mas pela Geografia como um todo – pelo modo como se doou, como enriqueceu e libertou nosso pensamento e nosso amor pela geografia! Muito Obrigada!

Entretanto, devo dizer que esta carta foi escrita para que eu pudesse dividir com você uma apreciação sobre seu mais recente (e, segundo seu anúncio, último) livro “Romantic Geography: in search of the sublime landscape”. Impressiona-me como um livro tão curtinho na aparência, possa conter tanto de uma obra tão vasta! “Romantic Geography” é um grande resgate de muito do que você trabalhou durante a carreira, não é?! Esse resgate já vem sendo feito desde o seu livro anterior “Humanist Geography”, de 2012, de forma que as duas obras se complementam, dando aos leitores boa noção acerca da amplitude de seu trabalho...um convite às incursões mais profundas em seu trabalho.

Se você me permite, vou começar do título! Entendi que o fio condutor do texto é a possibilidade de uma Geografia romântica, em meio a um parâmetro de ciência moderna que se afasta, cada vez mais da valorização da virtude, do indivíduo, do romantismo. A era da razão não nos permite, de modo geral, acessar uma vida romântica – a razão matou o romantismo.

Confesso que, ao ler apenas o título, cheguei a pensar que você faria um histórico ou um apanágio acerca do romantismo alemão, por exemplo. Mas que inocência a minha... Claro que a sua preocupação é do resgate da virtude, já tão bem delimitada em outros livros como “The Good Life” (1986)! Afinal, o romântico, você escreveu, é aquele

“Dear Colleague”: pensamentos acerca do livro “Romantic Geography: in search of the sublime landscape” e outros mais

que “[...] pode levar uma vida de ousadia, inclinada contra os moinhos de vento, arriscando muito por um sonho” (TUAN, 2013, p. 23).⁶

A Geografia, foi romântica quando se relacionava com as viagens, expedições e missões científicas, em busca do auto conhecimento, ou de algum fenômeno que, a rigor, não poderia se converter em benefício econômico, em glória pessoal. Esta geografia era, exclusivamente, a incessante perseguição do altruísmo.

Volto, mais uma vez ao título, na verdade, ao subtítulo “em busca da paisagem sublime”. Claro, não podia deixar de me perguntar: o que você queria dizer com sublime? Ah, o sublime é o complemento perfeito do romantismo! É ao sublime que se deve a ousadia, a ambiguidade do cotidiano, a instabilidade que nos move. Você foi buscar em Edmundo Burke (1757) a noção de sublime que

Tem algo em comum com a beleza, mas não é ordem e harmonia, e não traz, necessariamente, prazer. Na verdade, ele pode invocar a sensação oposta, de estar oprimido pelo gigantesco, pelo caótico e mesmo o feio, fazendo com que a pessoa sintam-se em êxtase ao ponto da dor, intensamente viva e ainda ansiando pela morte (TUAN, 2013, p. 96).⁷

A intensidade desta definição faz com que a busca por uma geografia romântica se mostre urgente. Porque ela seria, de fato, uma expressão muito mais pungente da experiência e da vivência do ser do homem. E, claro, o quanto seria belo se procurássemos ao menos elementos de romantismo na Geografia científica que fazemos, não é mesmo?

O subtítulo promete ainda, a abordagem de uma das essências espaciais mais caras à geografia: a paisagem! Mais uma vez, você nos

⁶ “[...] can lead a life of daring, tilt against windmills, and risk much for a dream”.

⁷ “It has something in common with the beautiful, but it is not order and harmony, and it does not necessarily give pleasure. Indeed, it can invoke the opposite sensation of being overwhelmed by the huge, the chaotic, and even the ugly, making one feel ecstatic to the point of pain, intensely alive and yet yearn for death”.

deixa com água na boca...a palavra paisagem, aparece apenas duas vezes em todo o livro, e nas páginas 77 e 134! Cabe a nós, leitores, interpretar o que seria a paisagem sublime? Ou devemos entender que a paisagem é o todo que compõe a natureza, a cidade e a essência humana? E se é todo, não passaria a ser nada, exatamente por não ser identificável, conceituável? Admito que, para mim, ficou uma pontinha de desapontamento por não encontrar a discussão, que tanto espero, acerca da paisagem em toda a sua complexidade. Veja, amigo (me permita tal liberdade), que tal sensação se dá apenas por acreditar que um livro, ao ser publicado, não pertence mais apenas a seu autor, mas é compartilhado com o leitor. E há algum tempo, queria encontrar contigo a chave que descortina a paisagem!

No ano passado, ao findar minha tese (PÁDUA, 2013), já havia comentado que a paisagem é a essência geográfica que você trabalhou desde o início de sua carreira na geografia física, até este último livro, entretanto, foi possível apenas recompor os sentidos de paisagem para você. O modo como você nos leva a percorrer os caminhos dos lugares e do espaço, me deixou com a constante expectativa de que a paisagem, que é tão cara a nós geógrafos, tivesse também sua noção percorrida – queira, também, andar de mãos dadas com você em busca do sentido de paisagem! Mas foram curtas e esporádicas as oportunidades em que dedicou-se conceitualmente à ela...fica, então, aos seus leitores a tarefa de encontrar a trilha e abrir o caminho.

Este livro é também uma intensa demonstração das marcas de seus fundamentos fenomenológicos, humanistas e estruturalistas – um conjunto de bases teóricas que poucos tiveram a ousadia de enfrentar, fundir e trazer para a compreensão da geografia de todos nós! Está lá, no primeiro capítulo, na evocação do seu pensamento em binários uma das suas maiores marcas que você justifica e anuncia:

“Dear Colleague”: pensamentos acerca do livro “Romantic Geography: in search of the sublime landscape” e outros mais

Estes binários sustentam uma geografia romântica pelas seguintes razões: eles focam nos extremos ao invés do meio termo; eles afetam nossos sentimentos e julgamentos acerca de objetos e pessoas nos encontros comuns da vida, mas também – e ainda mais central para a geografia romântica – na previsão de experiência de ambientes altamente desafiadores como o planeta Terra com suas subdivisões naturais de montanhas, oceanos, florestas tropicais, desertos, calotas polares e seu correspondente humano no desafio – a cidade (TUAN, 2013b, p. 9-10).⁸

É também sua característica a arguta observação do cotidiano. E estes binários estão assentados em nossos sentidos, sensações e experiências e suas manifestações corporais, culturais e religiosas – escuridão e luz; caos e forma; alto e baixo; corpo, lar e espaço; cérebro e músculo – são representações extremas do nosso constante ir e vir entre o romantismo e a racionalidade!

Então, você decidiu fazer do segundo capítulo um exemplo de como tratar de modo romântico as diversas (e extremas, polarizadas) geografias do mundo natural! Poucos teriam a coerência de tratar no primeiro e no último texto publicado em sua carreira acadêmica, sobre a mesma questão: o enriquecimento e as possibilidades que se abrem à geografia a partir da inserção de experiência e sensibilidade humana na nossa (do contrário) tão seca ciência! Relembro “O propósito deste artigo é sugerir as possibilidades de uma linguagem mais rica na descrição geográfica”⁹ (TUAN, 1957, p. 8) e agora “[...] sem sacrificar detalhes fatuais, um geógrafo pode escrever com

⁸ “These binaries underlie a romantic geography for the following reasons: they focus on the extremes rather than on the middle-range; they affect our feelings and judgments toward objects and people in the ordinary encounters of life, but also – and more central to romantic geography – in the envisioning and experiencing of large challenging environments such as the planet Earth with its natural subdivisions of mountains, ocean, tropical forest, desert, and ice plateaus, and their human counterpart in challenge – the city”.

⁹ “The purpose of this paper is to suggest the possibilities of a richer language in geographical description”.

entusiasmo”¹⁰ (TUAN, 2013b, p. 29). A grande diferença é que agora, você demonstra e executa com fôlego, leveza e encantamento do profundo entrelaçamento entre geografia e mundo, entre geografia e arte, entre geografia e vida!

O resgate das ideias lançadas no passado, não para por aí! A relação ambígua que temos com a natureza, como o exemplo em que você demonstrou como nossas atitudes para com as montanhas estão relacionadas, tanto com a dimensão do pecado e da opressão, quanto com o encanto de sua beleza e seus benefícios para a saúde dos enfermos, já tinha sido levantada em “The Hydrological Cycle and the Wisdom of God” (1968).

Não posso deixar de destacar a ideia da Terra como lar. Mais uma vez, a escala comum das noções de lugar e lar são extrapoladas por você, partindo de Bachelard – da casa como expressão dos “valores polarizados” da nobreza da mente e mundaneidade do corpo – até a demonstração de como o planeta e até as estrelas e constelações podem ser lar, não do corpo, mas da mente humana. Transformando a geografia em uma verdadeira cosmografia.

E após percorrer o sistema solar, a Terra, montanhas, oceanos, florestas, desertos e os polos gelados, você chega, enfim às cidades. Afinal, como você disse:

O romântico, tenho argumentado, é o desejo de ir além da norma, além do que é natural e necessário, e nada é mais natural e necessário para os seres humanos do que a aquisição de comida, sendo a agricultura uma de suas formas. Na medida que a cidade se afasta da agricultura, ela é romântica (TUAN, 2013b, p. 117).¹¹

¹⁰ “[...] without sacrificing factual detail, a geographer can write with verve”.

¹¹ “The romantic, I have argued, is the urge to reach beyond the norm, beyond what is natural and necessary, and nothing is more natural and necessary to human beings than the acquisition of food, a form of which is agriculture. To the extent that the city distances itself from agriculture, it is romantic.”

“Dear Colleague”: pensamentos acerca do livro “Romantic Geography: in search of the sublime landscape” e outros mais

Trazer de volta, revisto, seu belo texto de 1978 (TUAN, 1978), para apoiar a compreensão da geografia romântica colaborou para a sensação de uma grande revisão acerca de tudo que você erigiu até agora! De fato, as cidades me parecem a maior das expressões humanas, feita por homens, para homens. Como você bem apontou, a conquista do inverno e da noite, a importância da eletricidade, ao mesmo tempo nos permite o máximo do romantismo e nos torna eternos filhos da racionalidade.

Agora, meu amigo, é a última parte do livro que demonstra a imensa capacidade de expor um epítome do fio condutor de sua carreira, daquilo que você quer, há tempos, nos dizer: que é que temos em comum...que nos dá humanidade...que nos permite ser homens?

Você nos demonstra a geografia romântica a partir de três tipos de indivíduos: os estetas, os heróis e os santos. E percorrendo a vida, obra e legado de artistas como Camille Paglia, George Orwell, heróis anônimos e exploradores como Livingstone e Cherry-Garrard, ou ainda São Francisco, sumariza o sublime, o desprendimento e a coerência na vida destes indivíduos, na prática de sua geografia essencial. Mas a geografia pode ser individual?

Minha resposta é que a geografia não é apenas uma ciência espacial mas também uma investigação da natureza e da cultura, a transição da vida próxima da natureza para a vida em um mundo de artefatos e, no caso do indivíduo, do ser biológico para o ser cultural. Os geógrafos estudam esta transição, mas no nível do grupo, eles atribuem tais mudanças quase somente às forças impessoais. Eu, ao contrário, introduzo indivíduos (TUAN, 2013, p. 147-148).¹²

¹²“My answer is that geography not only is a spatial Science but also is an enquiry into nature and culture, the transition from living close to nature to living in an artifactual world, and, in the case of the individual, from biological being to cultural being. Geographers study such transitions, but at a group level, they attribute the changes almost solely to impersonal forces. I, by contrast, introduce individuals.”

Nem por isso, você abandonou o coletivo e o social, sabedor de que o grupo é influenciado por indivíduos notórios, por lideranças, que podem levar toda uma sociedade à valorização do romântico-sublime.

Assim, “Romantic Geography” não apenas é uma obra livre e madura de um grande pensador, como é também, um excelente ponto de partida (paradoxal?) para aqueles que querem se iniciar na leitura das ideias que você construiu ao longo do tempo.

Por este livro e, por toda a obra: Bravo, Tuan! Bravo!!! ☺

REFERÊNCIAS

MARANDOLA Jr., Eduardo. Topofilia: um clássico geográfico. **Geografia**, Rio Claro, v. 38, n. 2, p. 423-428, mai./ago. 2013.

PÁDUA, Letícia. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. 2013. 208f. Tese (Doutorado em Geografia) — Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

TUAN, Yi-Fu. Use of Simile and Metaphor in Geographical Description. **Professional Geographer**, v. 9, n. 5, p. 8-11, 1957.

_____. **The Hydrological Cycle and the Wisdom of God**. Toronto: University of Toronto Press, 1968. 160p. (Research Publications, n. 1).

_____. The City: Its Distance from Nature. **Geographical Review**, v. 68, n. 1, p. 1-12, 1978. [Traduzido e publicado por Werther Holzer e Dagmar Candido Arbex, em TUAN, Yi-Fu. A cidade: sua distância da natureza. **Geograficidade**, v. 3, n. 1, p. 4-16, Verão 2013]

_____. **Topofilia: um Estudo de Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. (Trad. Livia de Oliveira.) São Paulo: Difel, 1980. 288p.

“Dear Colleague”: pensamentos acerca do livro “Romantic Geography: in search of the sublime landscape” e outros mais

_____. **Segmented Worlds and Self: Group Life and Individual Consciousness.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982. 222p.

_____. **Dominance and Affection: The Making of Pets.** New Haven: Yale University Press, 1984. 193p.

_____. **The Good Life.** Madison: University of Wisconsin Press, 1986. 191p.

_____. **Escapism.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998. 245p.

_____. **Dear Colleague: common and uncommon observations.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

_____. **Humanist Geography: an individual’s search for meaning.** Virginia: George F. Thompson Publishing, 2012. 181p.

_____. A cidade: sua distância da natureza. **Geograficidade**, v. 3, n. 1, p. 4-16, verão 2013a.

_____. **Romantic Geography: In Search of the Sublime Geography.** Madison: The University of Wisconsin Press, 2013b. 205p.